



# A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sociopolítico-econômicos

The contribution of Pope Francis to the Social Doctrine of the Church: a route of socio-political-economic positions

*Vilmar Dal Bó Maccari\**

FACASC

Recebido em: 04/02/2021. Aprovado em: 19/02/2021.

**Resumo:** O Papa Francisco tem insistido, em seu pontificado, coerente com seu testemunho de vida, na prática de um modelo eclesiológico que lança a Igreja para fora de si mesma e supera a lógica de uma Igreja autorreferenciada. A Igreja em saída, base programática do pontificado de Francisco, é aquela que vai em direção ao mundo e às pessoas, particularmente, aos mais fragilizados e vulneráveis. O conceito de Igreja em saída, explicitado na Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium*, deu-nos o significado teológico, pastoral, espiritual e social do pontificado do Papa Francisco. As subsequentes *Cartas Encíclicas*, *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti* inserem-se no conjunto de *Encíclicas Sociais do Magistério da Igreja Católica*. O pontificado do Papa Francisco reafirma a preocupação da Igreja pelo social e impulsiona o compromisso sociopolítico-econômico do cristão no mundo, abrindo novos caminhos de reflexão — teológicos, filosóficos e pastorais — para a Doutrina Social da Igreja, tais como a cultura do cuidado, o imperativo da misericórdia, e a fraternidade universal.

**Palavras-chave:** Papa Francisco. Cultura do Cuidado. Doutrina Social da Igreja.

\* Doutorando em Ciências Econômicas e Políticas (Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Valdarno, Itália). Mestre em Estudos Políticos e Moral Social (Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Valdarno, Itália, 2014). Bacharel em Teologia (Instituto Teológico de Santa Catarina, Florianópolis, 2011). Graduado em Engenharia de Produção (UNISUL, Florianópolis, 2005).

E-mail: [vilmardalbo@gmail.com](mailto:vilmardalbo@gmail.com)



**Abstract:** *Pope Francis has insisted on his pontificate, consistent with his testimony of life, an ecclesiological model that throws the Church out of itself and overcomes the logic of a self-referenced Church. The outgoing Church, the programmatic basis of Francis' pontificate, is one that goes towards the world and the people, particularly the most fragile and vulnerable. The concept of outgoing Church, spelled out in the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, gave us the theological, pastoral, spiritual and social significance of Pope Francis' pontificate. The subsequent Encyclical Letters, *Laudato Si'* and *Fratelli Tutti*, are part of the set of Social Encyclicals of the Magisterium of the Catholic Church. Pope Francis' pontificate reaffirms the Church's concern for the social and drives the Christian's socio-political and economic commitment in the world, opening new paths of reflection — theological, philosophical and pastoral — for the Social Doctrine of the Church, such as the culture of care, the imperative of mercy, and universal brotherhood.*

**Keywords:** *Pope Francis. Culture of Care. Social Doctrine of the Church.*

## 1 Introdução

Neste artigo apresentaremos a base epistemológica do pensamento do Papa Francisco, contida na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e nas cartas Encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, cujas raízes remetem ao conjunto de verdades da Doutrina Social da Igreja.

Segundo o jesuíta Luiz González Quevedo, os principais documentos promulgados pelo Papa Francisco são expressões de um modelo de Igreja de rosto alegre, evangelizadora e misericordiosa, aberta às necessidades reais dos homens e das mulheres dos nossos dias.<sup>1</sup> Francisco vê a Igreja como um “hospital de campanha depois de uma batalha”<sup>2</sup>, chamada a cuidar das feridas das pessoas e derramar sobre elas óleo e vinho, sendo sinal de caridade e misericórdia no mundo. Esta é, também, por sua vez, a perspectiva de fundo que Bergoglio assume na Encíclica *Fratelli Tutti*, à luz da parábola bíblica do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37): cuidar das feridas.

Nesse sentido, a parábola nos mostra a opção fundamental que precisamos fazer para reconstruir nosso mundo ferido: “não podemos deixar ninguém caído nas margens da vida”<sup>3</sup>. Esse contexto,

<sup>1</sup> Cf. QUEVEDO, Luis G. Jorge Mario Bergoglio/Papa Francisco: um testemunho. In: *Vida Pastoral*, 58, n. 316, 2017, p. 8.

<sup>2</sup> SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro*, sj. São Paulo: Paulus: Loyola, 2017. p. 19.

<sup>3</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2020. p. 36; FT, 68.



de conteúdo moral ético-social, aponta-nos para as características essenciais do pensamento bergogliano: o sentido do encontro, da misericórdia e do cuidado. Pilares que são as linhas mestras de seu pensamento social.

Assim, aprofundar as categorias filosóficas, teológicas e pastorais de Jorge Mario Bergoglio, em perspectiva de ética social e na conjuntura da Doutrina Social da Igreja, exige-nos deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento, fazer-nos próximos a quem quer que seja: “ao amor não interessa se o irmão ferido vem daqui ou dacolá”<sup>4</sup>.

Ato contínuo, a responsabilidade com o zelo ao próximo e com toda a obra da criação foi enunciada na Carta Encíclica *Laudato Si'*, quando Bergoglio afirma que “as convicções da fé oferecem aos cristãos — também aos outros crentes — motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos mais frágeis”<sup>5</sup>.

Cuidar das fragilidades, para tanto, é o imperativo ético do pensamento social do Papa Francisco. Na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, esta preocupação aparece latente quando o Papa afirma que “somos chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra”<sup>6</sup>.

Na sociedade hodierna, muitas são as novas formas de pobreza e fragilidade: os sem-abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos, os migrantes, entre outros que se veem excluídos e marginalizados: sem trabalho e sem perspectivas.<sup>7</sup> “Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’”<sup>8</sup>.

Em adendo, entre os seres em condições de fragilidade, há, também, os nascituros. Recorda-nos Francisco que não é opção progressista pretender resolver os problemas eliminando uma vida humana.<sup>9</sup> O ser humano é sempre sagrado e inviolável, em qualquer situação e em cada etapa do seu desenvolvimento.<sup>10</sup>

<sup>4</sup> FRANCISCO, 2020, p. 36; FT, 62.

<sup>5</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus: Loyola, 2015. p. 44; LS, 64.

<sup>6</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013. p. 125; EG 209.

<sup>7</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 125; EG, 210.

<sup>8</sup> FRANCISCO, 2013, p. 41; EG, 53.

<sup>9</sup> FRANCISCO, 2020, p. 36; FT, 62.

<sup>10</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 126; EG, 213.



É esse compromisso em cuidar dos mais frágeis que nos revela a cultura do cuidado, cultura esta que se impõe como um imperativo ético para o convívio social e um novo estilo de vida:

*Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Essa capacidade não se reconhece às outras criaturas o seu valor; não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação do que nos rodeia. A atitude basilar de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada e autorreferenciada, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo.<sup>11</sup>*

Em continuidade, o cuidado dos outros e do meio ambiente é, para Bergoglio, um dever moral – tal como fez o Samaritano, dedicando seu tempo para cuidar de um homem ferido, estendido por terra no seu caminho, devemos nós também fazer. Romper com a mentalidade individualista e com a banalização da indiferença que nos impede de preocupar-nos com o drama dos outros é medida que se impõe. É preciso ocuparmo-nos com os feridos, cuidar deles, e com predileção aos mais frágeis e vulneráveis. Ainda, produzir maior equidade e inclusão social no mundo para que os considerados mais lentos, fracos ou menos dotados na sociedade possam, igualmente, singrar na vida.<sup>12</sup>

Para isso, segundo Bergoglio, será necessário romper com a indiferença social e política<sup>13</sup> – com a economia que mata.<sup>14</sup> Ademais, partir de uma abertura à transcendência para que se forme uma nova mentalidade política e econômica que ajudaria a superar a dicotomia entre a economia e o bem comum social<sup>15</sup>.

É, portanto, diante desse horizonte ético-social, que se estabelece o objeto do presente artigo: a ética social do Papa Francisco, em consonância com os Ensinamentos Sociais da Igreja em perspectiva da plenitude humana e consecução do bem comum. Servir-nos-emos neste percurso das ciências naturais, recorrendo à teologia e à filosofia,

<sup>11</sup> FRANCISCO, 2015, p.121; LS, 208.

<sup>12</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 122; EG, 209.

<sup>13</sup> Cf. FRANCISCO, 2020, p. 37; FT, 71.

<sup>14</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 41; EG, 53.

<sup>15</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 123; EG, 205.



em diálogo com as ciências sociais que a complementam, assim como sugerem as orientações para o estudo e ensino da Doutrina Social da Igreja, da Congregação para a Educação Católica.

Metodologicamente, o presente artigo abordará a base epistemológica do pensamento social do Papa Francisco, a influência da *Teologia do Povo* — predominante na Argentina na década de setenta — e do filósofo Romano Guardini, na formação intelectual e pastoral do Papa Francisco, bem como a inclusão dos pobres e os aspectos da natureza da Doutrina Social da Igreja que incidem sobre o seu pensamento.

Estabelece-se, pois, um percurso de amadurecimento sociopolítico-econômico que se origina à luz da mensagem evangélica e suas consequências éticas com os problemas que surgem na vida da sociedade.

## 2 Francisco de Roma

Muitas são os livros e artigos publicados, em diversas línguas, sobre o pontificado do Papa Francisco. Alguns biográficos, outros sobre seu trabalho pastoral quando Bispo em Buenos Aires na Argentina, e tantos outros como uma série de coletâneas de seus discursos, posicionamentos, entrevistas e viagens, alicerçando um vasto material biográfico sobre a vida de Jorge Mario Bergoglio. Nessa perspectiva, há contribuições delineando desde a sua entrada para o noviciado da Companhia de Jesus, em 11 de março de 1958, até a conclusão de seus estudos em filosofia e teologia em 1971, no Colégio Máximo São José, na cidade de São Miguel, na província de Buenos Aires. Destaca-se a nomeação como mestre de noviços da Companhia de Jesus na Argentina, cargo que desempenhou de 1973 a 1979, num contexto político muito difícil durante a ditadura militar argentina. Em 1986, foi para a Alemanha estudar o pensamento do filósofo e teólogo Romano Guardini — tese de doutorado inconclusa. Retornando à Argentina, em 1990, foi destinado aos serviços pastorais, em Córdoba. Com perfil sereno e espírito pastoralista, foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires, em 1992, e mais tarde, em 1998, bispo titular. O cardinalato veio em 2001 pelo Papa João Paulo II. A grande marca do episcopado de Bergoglio foi a sua presença nas periferias de Buenos Aires, como escreve Elisabetta Piqué:

*A Villa 1-11-14 do Bairro Bajo Flores é uma das tantas favelas que o arcebispo de Buenos Aires costumava percorrer. É um espaço onde há drogas, violência, miséria e também esperanças. Filas eternas de pes-*



*soas esperando: comida, roupa, assistência social e ajuda para tirar documentação de todos os tipos.*<sup>16</sup>

De fato, Bergoglio é um homem de “saída” que anda ao encontro da periferia, seja ela urbana ou existencial. Na noite em que foi eleito papa, durante a sua primeira aparição em público, espontaneamente proferiu: “Os colegas cardeais foram buscar um papa quase bem perto do fim do mundo.” Em verdade, não seria a Argentina o fim do mundo, mas um papa que viria da América Latina, do hemisfério Sul, da periferia do mundo. Um papa de saída.

Segundo Edelcio Ottaviani, muito se falou sobre o inusitado nome que o prelado argentino tomou para si: Francisco. Fala-se que Paulo VI (189-197) teria dito que dificilmente esse nome seria atribuído a um papa por causa dos protocolos e da riqueza cultural e arquitetônica que orbitam sobre um pontífice.<sup>17</sup> Esfacelando todos os paradigmas, Bergoglio assumiu essa contradição para operar a renovação da Igreja. Em concordância, Leonardo Boff, na obra *Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja*, afirma que tanto Francisco de Assis quanto o Francisco de Roma têm, cada um a seu tempo, uma missão comum: a de restaurar a Igreja de Cristo.<sup>18</sup>

Edelcio Ottaviani, sobre a missão de Francisco, afirma:

*Francisco de Roma sabe que é Jesus, com seu modo de ser, o verdadeiro reformador das estruturas violentas e injustas, e o que um papa imbuído do espírito franciscano pode fazer é reformar a Cúria Romana, para que ela cumpra o seu papel de facilitadora, e não de complicadora, da mensagem salvífica de Cristo*<sup>19</sup>.

Logo, para Boff, Francisco não é apenas um nome. É um projeto de Igreja: pobre, simples, evangélica e destituída de todo aparato.<sup>20</sup>

Ao tomar como referência o fundador da Ordem dos Franciscanos, Bergoglio deu indícios de que se deixaria interpelar pela longa tradição

<sup>16</sup> PIQUÉ, E. *Papa Francisco: Vida e Revolução*. São Paulo: LeYa, 2014. p. 136.

<sup>17</sup> Cf. OTTAVIANI, E. Apontamentos sobre o pontificado do Papa Francisco. In: *Vida Pastoral*, 58, n. 316, 2017, p. 12.

<sup>18</sup> BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014. p. 50.

<sup>19</sup> OTTAVIANI, 2017, p. 12-13.

<sup>20</sup> Cf. BOFF, 2014, p. 51.



dos profetas da caridade que se preocuparam com a justiça social e se fizeram próximos dos fracos, dos excluídos e dos discriminados.<sup>21</sup> Tudo com um modo de vida simples e despojado, assim como foi Francisco de Assis. O nome Francisco tornou-se gestos e linguagem do pontificado. Uma exigência no modo de ser e viver da Igreja. Na simplicidade e no cuidado com os mais frágeis, que nos leva a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, em um abraço com Jesus crucificado.<sup>22</sup>

### 3 Teologia do povo

Leituras precipitadas e em medidas reducionistas tendem a distorcer a compreensão do pensamento e da mensagem do Papa Francisco. Segundo Paulo Ferreira da Cunha, Professor Catedrático e Diretor do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, em Portugal, alguns extremistas nos Estados Unidos da América acusam o Papa Francisco de “marxista”. Há setores mais radicais no interior da Igreja que o consideram um adepto e propagador da “perigosa” Teologia da Libertação. O próprio teólogo brasileiro, Leonardo Boff, em *Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja*, na parte de seu livro intitulada *A Teologia da Libertação e a Teologia do Povo*, insiste em associar a Teologia do Povo, desenvolvida na Argentina nos anos 70, com a Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez, dando ao entender que ambas são a mesma coisa:

*O padre Bergoglio inscreveu-se sempre dentro desta “teologia do povo”. Portanto, sem precisar usar a linguagem mais corrente “teologia da libertação”, nunca se afastou de suas instituições básicas e de seus propósitos fundamentais: fazer da fé uma alavanca de libertação dos oprimidos.*<sup>23</sup>

Ainda em Boff, este insiste que, mesmo que ainda o Papa Francisco não use a expressão “Teologia da Libertação”, o importante é que ele fala e age na forma da libertação.<sup>24</sup> A tentativa exaustiva de Leonardo Boff em identificar Francisco com a Teologia da Libertação parece secundarizar

<sup>21</sup> Cf. OTTAVIANI, 2017, p.13.

<sup>22</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 61; EG, 91.

<sup>23</sup> BOFF, 2014, p. 90.

<sup>24</sup> Cf. BOFF, 2014, pp. 89-90.



as características próprias e a natureza da Teologia do Povo argentina: *O pueblo fiel*<sup>25</sup> como lugar teológico.

A gênese da teologia popular argentina, a qual influenciou Jorge Mario Bergoglio, é esclarecida por um de seus protagonistas, o jesuíta Juan Scannone, que foi, inclusive, professor de Bergoglio:

*Após seu retorno do Concílio Vaticano II, em 1966, o episcopado argentino criou a Coepal (Comissão Episcopal de Pastoral), com a finalidade de elaborar um plano nacional de pastoral. Era formado por bispos, teólogos, especialistas de pastoral, religiosos e religiosas, entre os quais os acima mencionados Gera e Tello, sacerdotes diocesanos professores da Faculdade de teologia de Buenos Aires; os outros diocesanos eram Justino O'Farrell (que antes era da congregação Dom Orione), Gerardo Farrel (especialista em Doutrina Social da Igreja), o jesuíta Fernando Boasso (do Centro de pesquisa e Ação Social), e outros. Essa comissão constituiu o terreno no qual nasceu a Teologia do Povo, cuja marca foi percebida já na Declaração do Episcopado Argentino em San Miguel (1969), que aplicava ao país a Conferência de Medellín, especialmente no documento VI, sobre a pastoral popular. Ainda que a Coepal tenha deixado de existir nos inícios de 1973, alguns de seus membros continuaram a encontrar-se como grupo de reflexão teológica sob a direção do Padre Gera. Ele se ocupou como perito de Medellín e de Puebla; sua teologia foi mais oral do que escrita, mesmo que reunisse escritos importantes e muitas de suas intervenções foram gravadas e depois transcritas. Depois, eu mesmo participei dessas reuniões, junto com Gera, Farrel, Boasso, o atual vigário de Buenos Aires, Dom Joaquín Sucunza, Alberto Methol Ferré, que chegava do Uruguai e outros.*<sup>26</sup>

A Teologia do Povo, uma versão tipicamente argentina da teologia pós-Medellín, que influenciou Bergoglio e outros jesuítas, apresenta categorias marcantes. Embora desejasse a justiça, deplorasse a opressão e a exploração e apoiasse os direitos dos trabalhadores, o documento inaugural — *Declaração de São Miguel* (1969) — repudiava o marxismo enquanto contrário não só ao cristianismo, mas também ao espírito do povo. Segundo consta na obra de Massimo Borghesi — *Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual* —, a Teologia do Povo não era certamente uma versão conservadora e pré-conciliar, mas igualmente

<sup>25</sup> Tradução: O povo fiel.

<sup>26</sup> SCANNONE, J. C. Papa Francisco e La Teologia del Popolo. In: *La Civiltà Cattolica*, 3.930, 15 mar. 2015, p. 572.



não concebia o povo em termos sociológicos e marxistas como fazia a Teologia da Libertação. Afirma:

*A declaração de San Miguel considerava os indivíduos agentes ativos da própria história; surpreendentemente afirmava que a atividade da Igreja deveria não só ser orientada para o povo, mas também e sobretudo nascer do povo. Enfim prefigurava uma Igreja com uma clara opção pelos pobres, mas entendida como total identificação com a aspiração das pessoas comuns de serem sujeitos da própria história, mais do que como adesão à luta social que os pobres, enquanto “classe”, moviam contra outras classes.*<sup>27</sup>

A Teologia do Povo não constituía uma alternativa “conservadora” à Teologia da Libertação, mas uma Teologia da Libertação sem marxismo. Reconhecia a importância da fé popular, da oração, do diálogo com a cultura latino-americana nas suas expressões concretas<sup>28</sup>: “Tudo dentro da superação do horizonte ideal do marxismo marcado pelo primado da praxe e da (contra)violência revolucionária”.<sup>29</sup>

Para tanto, dentro deste cenário em que se escrevia a opção preferencial feita pelos pobres pela própria Igreja latino-americana com a Conferência de Medellín, em 1968, a Teologia do Povo na Argentina avançava do pobre em direção da fé popular e da oração: “O coração do povo é a síntese vital das tensões da vida abraçada pelo Espírito, um lugar teológico.”<sup>30</sup>

Logo, não compreender o lugar teológico, de onde emerge a natureza, a razão, a espiritualidade, o serviço e a alegria de Francisco faz com que ele seja acusado por seguimentos da sociedade e da Igreja de marxista. Porém, o Papa Francisco, em uma clara opção evangélica pelos pobres e pelos mais vulneráveis, diz não se sentir ofendido quando lhe chamam de marxista. Ninguém na Igreja pode se sentir exonerado da solidariedade para com os pobres<sup>31</sup>, mesmo se tachado de marxista, e a opção por eles não pode ser relativizada por nenhuma hermenêutica eclesial<sup>32</sup>.

<sup>27</sup> BORGHESI, M. *Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 68.

<sup>28</sup> Cf. BORGHESI, 2018, p. 68-71.

<sup>29</sup> BORGHESI, 2018, p. 71.

<sup>30</sup> BORGHESI, 2018, p. 73.

<sup>31</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 121; EG, 201.

<sup>32</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 117; EG, 194.



## 4 A base hermenêutica do pensamento do Papa Francisco

A base hermenêutica do pensamento de Jorge Mário Bergoglio tem como síntese a tríade: o discernimento inaciano, a teologia do povo fiel, e a influência do pensamento de Romano Guardini. Vejamos cada um segundo a sua contribuição.

### 4.1 O discernimento inaciano

No artigo *A ética social do Papa Francisco: o Evangelho da misericórdia segundo o espírito do discernimento*, o teólogo jesuíta Juan Carlos Scannone afirma que, para se entender o *modus operandi* do Pontífice, é preciso refletir sobre os exercícios de discernimento existencial, próprios dos inacianos, e sua translação do âmbito pessoal/existencial ao social.<sup>33</sup> Aquilo o que a Companhia de Jesus costuma identificar como *síntese das oposições* ou a *filosofia da polaridade*.<sup>34</sup>

A presença do pensamento dialético faz parte do espírito de discernimento da formação jesuíta. Trata-se de um percurso de afrontamento das realidades objetivas e dos desejos subjetivos. Ou seja, de refletir e discernir sobre os desígnios de Deus no concreto da história e à condução do homem a sua plenitude.<sup>35</sup> O discernimento existencial inaciano, em linhas gerais, chama-nos ao ânimo fundamental da existência: experimentar as consonâncias e dissonâncias, os encontros e desencontros de determinados propósitos ou ações reais.<sup>36</sup> Convoca-nos, assim, a sentir e praticar o que Cristo sente e realiza.<sup>37</sup> É, portanto, a oportunidade de experimentar o Absoluto e purificar o coração dos afetos desordenados que distorcem a visão e perturbam o juízo.<sup>38</sup> É, dessa forma, o momento oportuno para livrarmo-nos do “autoengano” e abrir-nos às consolações frutíferas como: amor, alegria, paz e crescimento na fé<sup>39</sup>. É, por fim,

<sup>33</sup> Cf. SCANNONE, J. C. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito do discernimento. In: *Cadernos Teologia Pública*, XV, n. 135, 2018, p. 12-16.

<sup>34</sup> Cf. BORGHESI, 2018, p. 71-84.

<sup>35</sup> Cf. SCANNONE, 2018, p. 11-12.

<sup>36</sup> Cf. SCANNONE, 2018, p. 12.

<sup>37</sup> Cf. SCANNONE, 2018, p. 12.

<sup>38</sup> Cf. SCANNONE, 2028, p. 13.

<sup>39</sup> Cf. SCANNONE, 2018, p. 13.



quando coincidimos com o Absoluto e com nós mesmos, que tocamos o contraditório e reordenamos a nossa vontade e razão para a Verdade e para o Verdadeiro.

Em Bergoglio, o conflito e o contraditório não são ignorados ou “mascarados”, pelo contrário, são aceitos, suportados e superados. Esta é a característica da dialética bergogliana, que, diferente daquela de Hegel, que jamais volta para trás, é “circular”/pericorética.<sup>40</sup> Este modelo dialético de reflexão defronta-se com a tensão e o conflito, porém, sem ser tensão e sem ser conflito. Contudo, impõe-se diante das realidades conflitivas como um elo de comunhão e superação em vistas de novas realidade. Escreve Borghesi: “Com isso manifesta-se seu rosto ‘tomista’ dado pela tensão, ineliminável, entre essência e existência, forma e matéria, ideal e sensível, alma e corpo”.<sup>41</sup>

Em Jorge Mario Bergoglio, prevalece o conceito dialético que, diversamente do hegeliano, não termina na síntese da razão, mas na de um princípio superior dado pelo próprio Deus. Esclarece Massimo Borghesi: “A síntese representa sempre um encontro entre graça e natureza, Deus e homem, alteridade e liberdade”.<sup>42</sup> Conclui: “A descoberta dos anos de 1960, a da tensão dialética com a alma dos Exercícios de Inácio, assume agora todo o seu valor em relação ao esforço do cristão no mundo.”<sup>43</sup> Uma transposição do existencial ao social que significa tecer laços de pertença e convivência, onde se derrubam os muros do individualismo e as barreiras do egoísmo, apontando para um estilo de vida de experiências comunitárias e de salvação comunitária.<sup>44</sup> Ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar”.<sup>45</sup>

## 4.2 Teologia do povo fiel

Experimentar rostos concretos — a realidade do povo — e criar vínculos comunitários que ampliam a existência humana e arrancam as pessoas de si mesmas para o outro é uma síntese referencial da Teologia do Povo.

<sup>40</sup> BORGHESI, 2018, p. 83.

<sup>41</sup> BORGHESI, 2018, p. 84.

<sup>42</sup> BORGHESI, 2018, p. 79.

<sup>43</sup> BORGHESI, 2018, p. 79.

<sup>44</sup> Cf. SCANNONE, 2018, p. 14-16.

<sup>45</sup> Cf. FRANCISCO, 20202, p. 45; FT, 87.



Além disso, Bergoglio insiste em estabelecer laços com o *santo pueblo fiel de Dios*<sup>46</sup> e enraizar-se na realidade do povo. Assim o fez quando foi formador na Companhia de Jesus e bispo auxiliar e titular em Buenos Aires.

Juan Carlos Scanonne, um dos pensadores e baluarte da Teologia do Povo, também professor de Jorge Mário Bergogli, no artigo intitulado *Papa Francesco e la Teologia del Popolo*<sup>47</sup>, publicado na revista *La Civiltà Cattolica*, escreve que a característica deste modo de fazer teologia está na inserção da Igreja no percurso histórico dos povos e na enculturação da fé.<sup>48</sup>

A categoria povo fiel se separa claramente tanto das ideologias populistas quanto do sistema marxista, baseado nas categorias “abstratas” de burguesia e proletariado.<sup>49</sup> O povo crente indica a modalidade histórica na qual a fé emerge à luz do concreto da vida, da realidade, e da cultura. Indica o *como* da encarnação<sup>50</sup>. Não se trata de sociologia acadêmica, mas do terreno histórico, vivido, que alimenta a fé da Igreja<sup>51</sup>. “É o lugar de uma hermenêutica dos símbolos”<sup>52</sup>. Nela inscreve-se a opção preferencial pelos pobres feita pela própria Igreja latino-americana com a Conferência de Medellín (1968) e o primado da graça do Espírito Santo sobre as obras, as regras e as ideologias. Tratava-se, em sua época, de um modo de reagir aos desvios sociológicos e praxistas que estavam produzindo conflitos na Igreja e no seio de uma sociedade dividida.<sup>53</sup>

Em adendo, a Teologia do Povo fiel influenciou Bergoglio em sua formação acadêmica e pastoral, oportunizando a ascensão de uma seara oportuna à sabedoria popular. Sendo assim, a fé cristã do povo tornou-se um lugar teológico, lugar hermenêutico de uma fé vivida, em que a espiritualidade popular é cultura e nexos orgânico que une todos os aspectos da existência.

<sup>46</sup> Tradução do espanhol: santo povo fiel de Deus.

<sup>47</sup> Tradução do italiano: O Papa Francisco e a Teologia do Povo.

<sup>48</sup> Cf. SCANNONE, 2015, p. 572-573.

<sup>49</sup> Cf. BORGHESI, 2018, p. 72.

<sup>50</sup> BORGHESI, 2018, p. 72.

<sup>51</sup> Cf. BORGHESI, 2018, p. 72.

<sup>52</sup> BORGHESI, 2018, p. 72.

<sup>53</sup> Cf. BORGHESI, 2018, p. 65-74.



A Teologia do Povo reagia à hegemonia de Hegel e do hegelianismo típico dos estudos filosóficos dos anos de 1970, e opunha-se à confusão entre teologia e filosofia, natural e sobrenatural, que, segundo Boreghesi, terminava logicamente no marxismo<sup>54</sup>.

Segundo Scanonne e Borghesi, entre a Teologia da Libertação e a Teologia do Povo há convergências e divergências. Porém, seria um tanto quanto dissonante apresentar Jorge Mario Bergoglio como um teólogo da libertação, mais contraditório ainda seria enquadrá-lo como um marxista. A dialética bergogliana é uma provocação de translação do existencial ao social considerando as contradições e as escuridões onde há deterioração de vida, convivência e dignidade humana.

### 4.3 A influência de Romano Guardini

A tese de doutorado não concluída na Alemanha em 1986 e a influência do filósofo e teólogo Romano Guardini são importantes para a compreensão do desenvolvimento do pensamento de Bergoglio. Sabe-se que a seção sobre os critérios sociais, contidos na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, é tirada da tese sobre Romano Guardini<sup>55</sup>. Na encíclica *Laudato Si'*, Romano Guardini é citado explicitamente.<sup>56</sup> Ele embasa a crítica ao paradigma tecnocrático.

Bergoglio utiliza-se da teoria da oposição polar, com seu sistema de concreto vivo para abraçar os principais contrastes pessoais-sociais-políticos que tendem a cristalizar-se em contradições dialéticas portadoras de perigosos conflitos.

Massimo Borghesi, em *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual*, explicita que a oposição polar de Guardini consiste em afirmar em que os dois polos contrários não se anulam. Um polo não destrói o outro. A oposição se resolve em um plano superior. A tensão permanece, não se anula. Não é negando-os que se superam os limites. As oposições ajudam. A vida humana é estruturada de forma opositiva.<sup>57</sup>

<sup>54</sup> Cf. BORGHESI, 2018, p. 65-67.

<sup>55</sup> O sistema das polaridades vivas teorizado por Guardini em seu volume de 1925. "Der Gegensatz".

<sup>56</sup> Cf. FRANCISCO, 2015, p. 119; LS, 203.

<sup>57</sup> Cf. BORGHESI, 2018, p. 114.



A este ponto, torna-nos nítida a lógica hermenêutica de Bergoglio à luz da filosofia da polaridade e a teoria da oposição: a translação das tensões e das oposições para a conciliação na diversidade, em perspectiva da unidade. Ou seja, o confronto como síntese de uma tensão fecunda, isto é, como construção da unidade concreta.

## 5 O pensamento sociopolítico-econômico de Bergoglio

O pensamento sociopolítico-econômico de Jorge Mario Bergoglio consiste em quatro eixos, e, conforme supramencionado, recebe a influência da teoria dos opostos e do confronto de Romano Guardini. São eles: (1º) *o tempo é superior ao espaço*, (2º) *a unidade prevalece sobre o conflito*, (3º) *a realidade é mais importante do que a ideia*, (4º) *o todo é superior à parte*.

Dizer que *o tempo é superior ao espaço* significa afirmar que o tempo ordena o espaço. Com isso, dar-se prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaço.<sup>58</sup> Consiste em privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e ao mesmo tempo despojar-se de resultados imediatos que produzem ganhos políticos fáceis e efêmeros.<sup>59</sup> Este eixo é um exercício que exige ter presente um horizonte antropológico que considere a primazia do ser humano e a plenitude da existência humana nas relações sociais. Consiste em superar o ativismo, as idolatrias, a cultura do imediatismo e do descarte em perspectiva de uma nova ordem social.

Em continuidade, afirmar que *a unidade prevalece sobre o conflito* requer o empenho para a construção de um pacto cultural que faça surgir uma “diversidade reconciliada”.<sup>60</sup> A unidade é, portanto, comunhão na diferença.<sup>61</sup> Os conflitos que emergem da diversidade, da oposição no modo de *ser*, não podem ser negados, são próprios da identidade no modo diverso de *ser*. Porém, na perspectiva antropológica de considerar os outros na sua dignidade mais profunda, é necessário aceitar o conflito, suportá-lo e transformá-lo em elo de um novo processo, convertendo

<sup>58</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 130; EG, 223.

<sup>59</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 130; EG, 224.

<sup>60</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 132; EG, 230.

<sup>61</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 131; EG, 228.



realidades fragmentas em corpos reconciliados.<sup>62</sup> Este eixo requer solidariedade, inclusão e participação. É a convicção que a unidade do Espírito harmoniza todas as diversidades e supera qualquer conflito em uma nova e promissora síntese.<sup>63</sup> Eis a dialética bergogliana.

Assim posto, afirmar que *a realidade é mais importante do que a ideia* significa dizer que a realidade não pode ser ocultada, e que a ideia, desligada da realidade, pode dar origem a idealismos e nominalismos ineficazes, por exemplo, fundamentalismos anti-históricos e intelectualismo sem sabedoria.<sup>64</sup> Quando a ideia acaba por separar-se da realidade, a política e a fé tornam-se retóricas.<sup>65</sup> É o risco de movimentos e filosofias que se caracterizam pela sua penetração sutil preenchida de individualismo e subjetivismos, que suscitam menor acolhimento público.

A ideia de que *o todo é superior à parte* invoca o sentido de que não se pode viver demasiadamente obcecados por questões limitadas e particulares.<sup>66</sup> É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior<sup>67</sup> e, com isso, compreender a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura o bem comum e verdadeiramente incorpore a todos.<sup>68</sup> Significa apostar, por fim, num projeto de sociedade comum que vai além dos desejos pessoais.

Da teoria da oposição polar à dialética bergogliana, resultam alguns pressupostos sociopolítico-econômicos, contidos na exortação *Evangelii Gaudium*, traduzidos em NÃO, para algumas realidades hodiernas. São eles: *NÃO a uma economia da exclusão*<sup>69</sup>, *NÃO à idolatria do dinheiro*<sup>70</sup>, *NÃO ao dinheiro que governa em vez de servir*<sup>71</sup>, *NÃO à desigualdade que gera violência*<sup>72</sup>.

É sobre este terreno fértil que se desenvolve a Doutrina Social da Igreja no pensamento e no pontificado do Papa Francisco.

<sup>62</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 131; EG, 227.

<sup>63</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 132; EG, 230.

<sup>64</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 133; EG, 232.

<sup>65</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 133; EG, 232.

<sup>66</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 134; EG, 235.

<sup>67</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 133; EG, 235.

<sup>68</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 135; EG, 236.

<sup>69</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 41-42; EG, 53-54.

<sup>70</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 42-43; EG, 55-56.

<sup>71</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 43; EG, 57-58.

<sup>72</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 44-45; EG, 59-60.



## 6 Papa Francisco e a Doutrina Social da Igreja

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é o terreno fértil que nos prepara para as duas grandes encíclicas sociais do Papa Francisco: *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*. Duas encíclicas que se incorporam ao conjunto do Ensino Social da Igreja.

O Papa Paulo VI, na encíclica *Populorum Progressio*, afirmou que a Igreja é perita em humanidade<sup>73</sup>. Ela tem algo a dizer no campo econômico, político, social e ambiental, a partir da sua história e experiência. Oferece um conjunto de princípios de reflexão, critérios de julgamento e diretrizes de ação no campo das questões políticas e socioeconômicas.<sup>74</sup> E, com isso, constitui um corpo próprio de conhecimento, superando visões ideológicas entre o capitalismo liberalista e o coletivismo marxista, com suas raízes na ética filosófica e na teologia moral.<sup>75</sup>

O Papa Francisco, ao refletir sobre as realidades hodiernas, deixa-nos claro que não seria de grande proveito um olhar puramente sociológico, com a pretensão metodológica de abraçar toda a realidade de maneira supostamente neutra.<sup>76</sup> O líder da Igreja Católica insiste no encontro da mensagem evangélica e suas exigências éticas com os problemas que surgem na vida em sociedade. O seu pensamento, revestido de um caráter eminentemente teológico e filosófico, leva consigo não só uma *ortodoxia*, mas também uma *ortopraxis* – por isso é sempre fiel à Tradição e comunga perfeitamente com o Magistério.

Nessa seara reflexiva, ao ruminar sobre os problemas que afetam a vida e a dignidade do povo de Deus, Francisco o faz a partir de uma perspectiva evangélica e pastoral. Afirma:

Os Pastores, acolhendo as contribuições das diversas ciências, têm o direito de exprimir opiniões sobre tudo o que diz respeito à vida das pessoas, dado que a tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano. Já não se pode afirmar que a

<sup>73</sup> PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*: sobre o progresso dos povos. São Paulo: Paulus, 1967. p. 70.

<sup>74</sup> PAULO VI. *Carta Encíclica Octagesima Adveniens*: aproximando-se do octogésimo ano. São Paulo: Paulus, 1971; OA, 4.

<sup>75</sup> JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Sociali*: sobre as solicitudes sociais. São Paulo: Paulus, 1987; SRS 41.

<sup>76</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 39; EG, 50.



religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar almas para o céu.<sup>77</sup>

Esta afirmação é típica do pensamento de Bergoglio e revela a preocupação com o processo de secularização que tende a reduzir a fé e a missão da Igreja ao âmbito privado e íntimo, e, conseqüentemente, para um esfriamento de uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores considerados objetivos para a existência humana.<sup>78</sup>

Bergoglio, ainda, insiste que todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor. Segundo o Papa, ninguém deve ficar à margem na luta pela justiça. Trata-se, aqui, de definir as bases da passagem do campo doutrinal para o prático-pastoral: uma ação transformadora e um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo.<sup>79</sup>

Fica-nos claro que o pensamento social e a reflexão doutrinal do Papa Francisco emana do coração de Jesus Cristo; é, portanto, uma reflexão cristã. Origina-se do encontro da mensagem evangélica e suas exigências éticas com os problemas que surgem na vida em sociedade.

Ao nosso entendimento, considerando os aspectos da natureza da Doutrina Social da Igreja — a reflexão moral teológica e filosófica — e o percurso de discernimento inaciano como síntese das oposições, seria um erro supor que seu empenho no campo social e seus ensinamentos tenham como base filosofias materialistas. Mas, ao contrário, revela-nos um esforço epistemológico, recorrendo à teologia e à filosofia, em diálogo com as ciências sociais, para refletir e interpretar a realidade social na linha dos grandes valores de um autêntico humanismo cristão, que preconiza o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.<sup>80</sup>

É dentro deste horizonte que se situam as encíclicas sociais *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*. Documentos repletos de elementos constitutivos para um saber teórico-prático de alcance social e pastoral. Assim como sugere as orientações para o Ensino e Educação da Doutrina Social da Igreja. Requer-se uma função crítica para a reflexão sobre as complexas

<sup>77</sup> FRANCISCO, 2013, p. 111; EG, 182.

<sup>78</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 47; EG, 64.

<sup>79</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 111-112; EG, 183.

<sup>80</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 49; EG, 68.



realidades da vida do homem na sociedade e no contexto internacional, à luz da fé e da tradição eclesial.<sup>81</sup>

Tanto na *encíclica Laudato Si'*, como na *Fratelli Tutti*, estão presentes a preocupação com a inclusão social dos pobres e o desenvolvimento integral em favor dos mais vulneráveis da sociedade. Não obstante, Bergoglio afirma que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde<sup>82</sup>. A solidariedade abre caminhos para as transformações estruturais. Podemos aqui acenar para a justiça social.

A encíclica *Laudato Si'* traz à tona a preocupação com “*a casa comum*”, o planeta Terra, a sustentabilidade e a deterioração da qualidade de vida humana e degradação social, fazendo uma forte crítica ao paradigma tecnocrático e ao modelo de desenvolvimento atual, centrado no consumo desenfreado e na cultura do descarte. Diante desta realidade, o Papa Francisco exorta para uma “conversão ecológica”, ou seja, para uma mudança de comportamento em nosso modo de pensar, sentir e viver.<sup>83</sup> Aponta para um estilo de vida mais sóbrio e humilde.<sup>84</sup> Reconhece que “não é fácil desenvolver uma humildade sadia e uma sobriedade feliz”.<sup>85</sup> Constata que para a sociedade moderna — marcada pelo paradigma da técnica e do acúmulo — sobriedade e humildade remetem para um espírito de pobreza, despojamento e simplicidade, e isso, aos olhos do mundo, elucidam, teoricamente, um sinal de fracasso e frustração. Mas, em verdade, essa frustração revela, frequentemente, a paz interior perdida: a perda da serenidade quando o mercado oferece algo que ainda não compramos.<sup>86</sup> O mundo do consumo exacerbado é, simultaneamente, o mundo que maltrata a vida em todas as suas formas.<sup>87</sup>

Na encíclica *Fratelli Tutti*, lançada durante a pandemia da Covid-19, são abordadas as questões relacionadas com a fraternidade e a amizade social. O próprio Papa revela-nos a sua preocupação com

<sup>81</sup> Cf. João Paulo II, 1987; SRS, 41.

<sup>82</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 115; EG, 189.

<sup>83</sup> Cf. FRANCISCO, 2015, p. 125-126; LS, 216.

<sup>84</sup> Cf. FRANCISCO, 2015, p. 129; LS, 224.

<sup>85</sup> Cf. FRANCISCO, 2015, p. 129; LS, 224.

<sup>86</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 41-42; EG, 54.

<sup>87</sup> Cf. FRANCISCO, 2015, p. 131; LS, 230.



esses temas: “a fraternidade e a amizade social sempre estiveram entre as minhas preocupações”.<sup>88</sup> Afirma:

*Entrego esta Encíclica Social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras.*<sup>89</sup>

É assim que esta encíclica se insere dentro do corpo da Doutrina Social da Igreja, um documento que não se resume em palavras, mas em atitudes. Um conjunto de ensinamentos orientados à conduta moral, neste caso específico, à *Cultura do Cuidado*.

A encíclica *Fratelli Tutti* é um chamamento a uma moral ético-social comprometida com o imperativo ético do *Cuidado*. O desafio de pensar um mundo aberto em que haja lugar para todos, que inclua os mais frágeis e respeite as diferentes culturas.<sup>90</sup> Uma encíclica que realça as relações sociais e reforça que a vida subsista onde há vínculos de comunhão e de fraternidade, capazes de vencer a indiferença social e política, de modo a invocar, em suas linhas, a prática constante do amor social.<sup>91</sup>

Tanto a encíclica *Laudato Si'* quanto a *Fratelli Tutti* realçam a dimensão do cuidado: *cuidar da fragilidade*. O dever ético que faz emergir uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade<sup>92</sup>. Afirma o Papa Francisco:

*Cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio de um modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à cultura do descarté, significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo com dignidade.*<sup>93</sup>

O princípio da dignidade é, portanto, o centro do pensamento social do Papa Francisco. Assim como a síntese de toda a Doutrina Social da Igreja. Cuidar das fragilidades e assumir uma ética do cuidado consiste em abrir-se à caridade, “o amor, cheio de pequenos gestos de cuidado

<sup>88</sup> FRANCISCO, 2020, p. 7; FT, 5.

<sup>89</sup> FRANCISCO, 2020, p. 7; FT,6.

<sup>90</sup> Cf. FRANCISCO, 2020, p. 7; FT,6.

<sup>91</sup> Cf. FRANCISCO, 2020, p. 91; FT, 183.

<sup>92</sup> Cf. FRANCISCO, 2015, p. 132; LS,231.

<sup>93</sup> FRANCISCO, 2020, p. 89-90; FT, 180.



mútuo, é também civil e político, manifestando em todas as ações que procuram construir um mundo melhor<sup>94</sup>.

A cultura do cuidado na perspectiva de Francisco é o exercício da participação social. A educação para a convivência social segundo os princípios basilares da Doutrina Social da Igreja: *dignidade, bem comum, solidariedade, subsidiariedade, destinação universal dos bens*.<sup>95</sup> Afirma Bergoglio:

*O cuidado e a promoção do bem comum da sociedade competem ao Estado. Este, com base nos princípios de subsidiariedade e solidariedade e com um grande esforço de diálogo político e criação de consenso desempenham um papel fundamental — que não pode ser delegado — na busca do desenvolvimento integral de todos.*<sup>96</sup>

Para Francisco, a chave para o desenvolvimento integral está na vivência de uma cultura do cuidado, e esta situa-se em propostas que melhor correspondam à dignidade da pessoa humana e ao bem comum. Eis a clareza da base epistemológica da ética social do Papa Francisco. Fundamento que encontra ressonância e está em perfeita comunhão com os valores e princípios da Doutrina Social da Igreja. Ou seja, converge para o ideal de uma sociedade justa, centrada no valor supremo da pessoa humana e sem exclusões. Uma resposta profética e atual aos fanatismos, às lógicas fechadas e à fragmentação social que proliferam na contemporaneidade.<sup>97</sup>

O Papa Francisco, ao inaugurar um novo tempo no pontificado romano, insere seu pensamento latino ao conjunto de reflexões da Doutrina Social da Igreja, afirmando:

*A fragilidade dos sistemas mundiais perante a pandemia evidenciou que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças, “devemos voltar a pôr a dignidade humana no centro e sobre aquele pilar devem ser construídas as estruturas sociais alternativas das quais precisamos.”*<sup>98</sup>

<sup>94</sup> FRANCISCO, 2013, p. 133; EG, 231.

<sup>95</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2001.

<sup>96</sup> FRANCISCO, 2013, p. 137; EG, 240.

<sup>97</sup> Cf. FRANCISCO, 2020, p. 95; FT, 191.

<sup>98</sup> FRANCISCO, 2020, p. 83-84; FT, 168.



Os gestos e linguagens do Papa Francisco confirmam sua ortodoxia ao Evangelho, à Tradição e ao Magistério da Igreja. Revelam traços de uma espiritualidade inaciana, marcada por uma profunda teologia e lapidada pela caridade pastoral com imersão na vida concreta do povo. Um caminho frutuoso e fecundo de saída, simplicidade, austeridade, coragem e encontro, que, embora incomodem aqueles que o acusam de “marxista”<sup>99</sup>, e apostam em uma sociedade polarizada e dividida, o Papa reafirma, à luz da Doutrina Social da Igreja, um amor preferencial e não excludente pelos menos favorecidos e de que é possível avançar para uma civilização do amor a que todos podem sentir-se chamados.<sup>100</sup> Inclusive estes fundamentalistas radicais que o acusam.

## 7 Considerações finais

O pontificado de Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, o Papa Latino-americano, é caracterizado pelas marcas da espiritualidade inaciana e os traços da Teologia do Povo Fiel, predominante na Argentina em seu tempo. Estas marcas revelam as linhas gerais do pensamento de Bergoglio: a dialética bergogliana, a filosofia da polaridade, a teoria da oposição polar, e o percurso de translação do existencial ao social.

A preocupação com *o todo, a realidade, o tempo e a unidade* são marcas do pensamento de Bergoglio. Marcas estas que originam a proposta de um novo pacto cultural e social, centrado na cultura do cuidado.

A dimensão do cuidado, é, por fim, o centro do pensamento social do Papa Francisco: cuidar das fragilidades e das periferias: sejam elas, urbanas, físicas ou existenciais.

A cultura do cuidado requer uma ética do cuidado — uma reflexão teológica e filosófica em diálogo com as ciências sociais — como resposta para algumas graves realidades hodiernas que desencadeiam processos de desumanização e afetam a vida e a dignidade do povo.

Portanto, é a dimensão do cuidado – com os pobres, os estrangeiros, os feridos, com a biodiversidade e com o planeta – o cerne da mensagem social do Papa Francisco.

A mensagem supramencionada de Francisco evoca um novo estilo de vida. Um novo modo de *ser, sentir e viver*. Reconciliar-se com “a carne

<sup>99</sup> Cf. CUNHA, P. F. 2014, p. 290.

<sup>100</sup> Cf. FRANCISCO, 2020, p. 91; FT, 183.



dos outros”<sup>101</sup>. Abraçar o “risco” do encontro com o rosto do outro.<sup>102</sup> E, se for necessário, não se esquivar de cuidar do outro. Descobrir Jesus no rosto dos outros.<sup>103</sup> Um imperativo ético que ilumina o comportamento social à luz da vivência dos princípios e valores da Doutrina Social da Igreja. Destaca-se a primazia da *dignidade humana, o bem comum, a solidariedade, a subsidiariedade e a destinação universal dos bens*, levando em consideração os valores da vida, da *justiça* e da *caridade*.<sup>104</sup>

A ética social do Papa Francisco, seu testemunho de vida, suas exortações e ensinamentos refletem a *ortodoxia* e a *ortopraxis* de seu pensamento, em comunhão com o Evangelho e a Tradição da Igreja, da mesma forma que amplia a reflexão do Magistério e contribui para o conjunto de Ensinamentos Sociais da Igreja. Uma contribuição com marcas, argentina, Latino-americana e inaciana. Nas palavras do próprio Papa: “foram buscar quase bem perto do fim do mundo”.<sup>105</sup> Um argentino, inaciano, agora chamado Francisco.

## Referências

BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

BORGHESI, M. *Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual*. Petrópolis: Vozes, 2018.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CUNHA, P. F. *Evangelii Gaudium no contexto da doutrina social da Igreja*. In: *Humanística e Teologia*, ano 35, Porto, Portugal: Universidade Católica Portuguesa, 2014.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola: Paulus, 2013.

<sup>101</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 59; EG, 88.

<sup>102</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 59; EG, 88.

<sup>103</sup> Cf. FRANCISCO, 2013, p. 60-61.59; EG, 91.

<sup>104</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2001.

<sup>105</sup> Expressão utilizada na sua aparição em público no dia de sua eleição, referindo-se a sua origem.



FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola: Paulus, 2020.

JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. São Paulo: Loyola: Paulus, 1987.

OTTAVIANI, E. Apontamentos sobre o pontificado do papa Francisco, In: *Vida Pastoral*, ano 58, n. 316, São Paulo: Paulus, 2017.

PAULO VI. *Populorum Progressio*: sobre o desenvolvimento dos povos. São Paulo: Loyola: Paulus, 1987.

PAULO VI. *Octogesima Adveniens*. São Paulo: Loyola: Paulus, 1971.

PIQUÉ, E. *Papa Francisco: Vida e Revolução*. São Paulo: LeYa, 2014.

QUEVEDO, L. G. Jorge Mario Bergoglio/papa Francisco: um testemunho, In: *Vida Pastoral*, ano 58, n. 316, São Paulo: Paulus, 2017.

SCANNONE, J. C. Papa Francesco e la Teologia del Popolo, In: *La Civiltà Cattolica*, ano 165, n. 3.930, Roma, 2014.

SCANNONE, J. C. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento, In: *Cadernos Teologia Pública*, ano XV, n. 135, v. 15. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2018.

SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro, sj*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2017.